

LADRA NA ESCOLA: A IMPORTÂNCIA DA COLETIVIDADE PARA A PREPARAÇÃO DO ATOR NA IMPROVISAÇÃO

LUÍZA LOUZADA DOS REIS¹; ALICE PEREIRA BUCHWEITZ²; MARINA DE OLIVEIRA³

¹Universidade Federal de Pelotas – luli.reis@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – buchweitz@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – marinadolufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O LADRA: Laboratório de Dramaturgia da UFPel é um projeto unificado que abarca os eixos de pesquisa, ensino e extensão e tem como coordenadora a professora Marina de Oliveira, do curso de Teatro-Licenciatura. O projeto tem como objetivo a criação e a análise de produções dramáticas, tanto no formato de texto, de cena teatral, quanto no de produções audiovisuais, permitindo ao aluno reconhecer de forma efetiva o seu potencial criativo. O projeto teve seu início de forma remota sob circunstância da COVID-19 no ano de 2021. Em 2022, os encontros virtuais das ações de extensão passaram a ser presenciais, acontecendo no auditório do Colégio Municipal Pelotense, com a mediação do professor Joaquim Dias.

Neste trabalho iremos contar um pouco da nossa experiência como ministrantes da oficina de jogos teatrais direcionada para adolescentes que atuaram no contraturno das aulas. Com o objetivo de enriquecer a bagagem dos alunos, muitas vezes sem experiência teatral, nós os preparamos para a cena e para o improviso utilizando alguns exercícios propostos por Viola Spolin em *Improvisação para o teatro*.



Figura 1 – Alunos durante a oficina no auditório do Colégio Pelotense.

2. METODOLOGIA

Foram realizados quatorze encontros presenciais, todas as segundas-feiras no horário extracurricular das 15h às 17h, no auditório do Colégio Municipal Pelotense, tendo cerca de 10 a 15 alunos regulares estudantes do 9º ano do fundamental ao 3º ano do Ensino Médio.

As propostas de cada encontro variavam entre jogos mais técnicos para expansão da voz e do corpo, como também jogos mais lúdicos para despertar a criatividade. Iniciávamos sempre um aquecimento com música, tendo uma *playlist*

colaborativa com os alunos. Partíamos para os jogos pensando no objetivo de cada um, fazíamos um exercício final com improvisação para eles botarem em prática as técnicas adquiridas e fechávamos com um relaxamento e uma roda de conversa sobre os exercícios propostos até ali.

Nesses exercícios buscamos implementar os sete aspectos da espontaneidade estudados por Viola Spolin: Jogos, Aprovação/Desaprovação, Expressão de grupo, Plateia, Técnicas teatrais, A transposição do processo de aprendizagem para a vida diária e a Fisicalização.

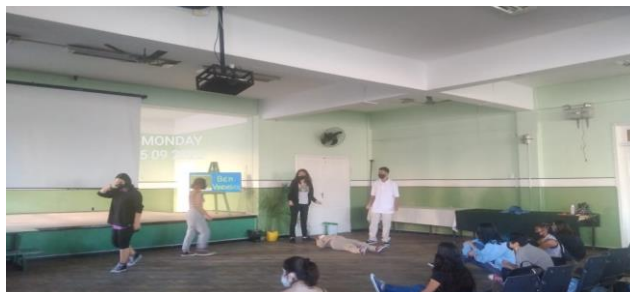


Figura 2 - Alunos durante improvisação no auditório interno do Colégio Pelotense.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Obtivemos resultados interessantes durante o processo da oficina, participação e engajamentos dos alunos que sempre estavam dispostos e com ideias, opiniões e sugestões. No começo houve dificuldade com alguns estudantes que não demonstravam interesse, outros tinham algum tipo de ansiedade social ou eram apenas tímidos e depois se mostraram dispostos e integrados.

Os jogos teatrais são muito importantes para aqueles que nunca fizeram oficinas de teatro anteriormente. Pois colocam em prática termos e exercícios de forma mais divertida. Principalmente para jovens como os nossos alunos, que demonstravam mais interesse em práticas lúdicas do que aquelas em que apenas reproduzíamos os exercícios, como os aquecimentos corporais ou vocais.

No final de cada encontro era proposto algum tipo de improvisação para que eles colocassem em prática aquilo que foi explicado no dia para melhor absorção e resultado do exercício. No decorrer da oficina percebemos uma melhora na disposição e em suas interpretações.

A cena improvisada que solicitamos no final de cada dia não necessariamente precisava ter um início, meio e fim para compor uma boa história, mas utilizamos desse formato para que os alunos construíssem uma noção mais complexa de cena. Existem diversas formas de contar uma história, para criar uma narrativa bem estruturada não basta apenas a fala, mas também o corpo. Seja para transmitir um sentimento, relatar um acontecimento ou expor uma opinião, deve ser pensado de forma criativa, podendo explorar, por exemplo, o corpo de forma coreografada sem explicação verbal, o que já torna a cena algo mais interessante para quem assiste.

O processo de criação nesses momentos é algo fascinante, podemos observar em um dos exercícios propostos a evolução na elaboração da improvisação. Como exemplo, trazemos o jogo em que foi dado um objeto, uma

corda, e os participantes em grupos deveriam utilizá-la em cena de forma que ela não fosse mais a mesma, mas sim algo imaginário. Uma das situações criadas pelos alunos foi transformar esse objeto em ondas do mar, com duas pessoas, uma em cada ponta da corda a balançando enquanto outros dois alunos imitavam a cena do famoso filme *Titanic*, o que desencadeou várias risadas dos colegas.

Com a noção de grupo já estabelecida, os vínculos criaram um espaço seguro para eles serem quem quisessem, e assim, facilitando na hora de criar personagens para as improvisações de forma mais natural e sem nenhum tipo de desconforto ou vergonha.

Por ser um grupo bem diverso, com vários participantes lgbtqia+ tivemos o cuidado de criar esse espaço da forma mais acolhedora, de modo a transformar o fazer teatral em algo prazeroso. No relato de um dos participantes, um menino trans no início de sua transição, ele compartilhou conosco a sua experiência durante a oficina. Revelou que o convívio com o grupo de teatro constituiu-se como o único espaço em que ele se sentiu seguro para ser ele mesmo e que foi o primeiro lugar que o acolheu. Ter essa conexão com os alunos participantes transforma o fazer teatral, que também é uma experiência de autoconhecimento e de processos que podem proporcionar mudanças positivas na saúde mental, autoestima e relacionamentos interpessoais.

Durante os últimos encontros tivemos um momento de leitura compartilhada de textos escolhidos por eles, que transmitissem algum sentimento que queriam falar ou que se identificassem de alguma forma. Tivemos desde poemas em formato de haicais, como também contos e até mesmo literatura de cordel. Foi ótimo poder conhecer um pouco mais sobre eles através dos textos e observar os temas que os movem. Anotamos algumas palavras chaves que surgiram entre as leituras como: amor, depressão, fé, medo, entre outras.

No final da oficina tivemos um momento de confraternização e compartilhamento de releituras feitas em formato audiovisual pelos participantes. É muito bom ver o processo de criação dos jovens, como eles se empenharam para fazer um bom trabalho e entraram realmente no personagem. Apresentaram desde vídeos curtos refazendo cenas de filmes, como também desenhos e maquiagens artísticas. Tivemos resultados bem diversos e igualmente interessantes. E assim eles conseguiram por em prática os conhecimentos adquiridos durante o semestre e atuar da forma que se sentissem mais à vontade, como na criação de personagens ou de estudo de cenas.



Figura 3 – Cena do filme *O Cisne Negro*. Releitura de maquiagem por Nathalia Faulstich.

Com isso, pudemos observar que a preparação é essencial para um trabalho que traga satisfação aos participantes. Criar um local seguro e livre para a criatividade liberta o corpo e a mente, tornando possível a criação de arte genuína e viva.

4. CONCLUSÕES

Mesmo para o não ator, é possível ter uma consciência e intuição na hora de partir para a cena ou improvisação e o trabalho do orientador da oficina é afinar esses saberes e direcionar as técnicas para trazer um resultado mais proveitoso e compor uma cena mais complexa e bem pensada.

Não acreditamos que há certo ou errado na hora de participar da improvisação, toda participação é válida. Viola Spolin fala que: *“Todas as pessoas são capazes de atuar no palco. As pessoas que desejarem são capazes de jogar e aprender a ter valor no palco”* (SPOLIN, 2010, p. 3). O fazer teatral deve abranger a todos, por outro lado, como aplicadoras dos exercícios, pudemos observar que com facilidade nós professores também somos capazes de podar a criatividade dos alunos. Devemos estar atentos para que isso não ocorra. Em outras palavras, é possível construir conhecimentos técnicos sobre o fazer teatral e, ao mesmo tempo, garantir que os alunos se sintam seguros para improvisar sem a preocupação de cometer erros.

Como profissionais da área, observamos uma melhor interação dos adolescentes quando os deixamos confortáveis em seus espaços e damos liberdade para que escolham a forma como vão realizar os exercícios, percebendo um bom aproveitamento durante as improvisações. Partindo de uma pequena inspiração como um local ou objeto, eles levam a cena para onde há campos de motivação e podem assim implementar os conhecimentos adquiridos de forma mais natural e confortável, florescendo a sua criatividade e a sua vivência teatral.

Preparar esses alunos para a improvisação é um trabalho contínuo e que nunca acaba. Quando eles se veem livres das amarras sociais, incluídos, observando bem o espaço, tendo uma noção de *timing* e principalmente sendo criativos, é assim que construímos bons atores.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2010.